



ISSN 2359-5051

# Revista Diálogos Interdisciplinares

## GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar  
de Professores

### A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO COAUTORA NA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA EM LÍNGUA PORTUGUESA: AUTORIA, ÉTICA E MATERIALIDADE DISCURSIVA NO CONTEXTO BRASILEIRO

### ARTIFICIAL INTELLIGENCE AS CO-AUTHOR IN CONTEMPORARY PORTUGUESE-LANGUAGE NARRATIVE: AUTHORSHIP, ETHICS, AND DISCURSIVE MATERIALITY IN THE BRAZILIAN CONTEXT

Isabella Tavares Sozza Moraes<sup>1</sup>

#### RESUMO

A relação entre inteligência artificial (IA) e produção literária tem adquirido centralidade nos debates acadêmicos contemporâneos, especialmente no Brasil, onde o avanço das tecnologias digitais coincide com a ampliação do acesso às práticas de leitura e escrita em ambientes virtuais. Este artigo propõe uma investigação aprofundada sobre a IA como coautora na criação de narrativas ficcionais em língua portuguesa, discutindo os limites, possibilidades e condições éticas de tal colaboração. A partir de um corpus composto por oito contos produzidos por IA generativa (modelo ChatGPT, versão 2024), analisam-se mecanismos discursivos, estratégias narrativas e simulações de autoria presentes nas produções. O referencial teórico mobiliza a Análise do Discurso de linha materialista (ORLANDI, 2007; PÊCHEUX, 2009), os estudos sobre tecnodiscocurso (PAVEAU, 2021), reflexões epistemológicas sobre autoria (FOUCAULT, 2009; BARTHES, 1988) e debates contemporâneos sobre ética da IA apresentados pela UNESCO (2021) e ANPED (2023). Os resultados demonstram que, embora a IA seja capaz de produzir textos coesos, expressivos e culturalmente contextualizados, sua atuação limita-se à recombinação estatística do já-dito, operando predominantemente por paráfrase e reconhecimento de padrões. Falta-lhe inscrição histórica, subjetividade e responsabilidade discursiva – dimensões indispensáveis à autoria humana. Conclui-se que, no cenário brasileiro, a IA pode funcionar como ferramenta estética, crítica e pedagógica, mas não como coautora plena. A análise aponta, ainda, caminhos para pesquisas futuras em literatura digital, ética da autoria e letramentos tecnológicos.

**Palavras-chave:** Autoria; Inteligência Artificial; Narrativa Brasileira; Coautoria; Tecnodiscocurso; Ética da IA; Literatura Digital.

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras (Língua, Literatura e Cultura Italianas), Universidade de São Paulo, isabellasozza@alumni.usp.br

## ABSTRACT

The relationship between artificial intelligence (AI) and literary production has gained central importance in contemporary academic debates, especially in Brazil, where the rapid expansion of digital technologies intersects with increasing access to virtual reading and writing practices. This article offers an in-depth investigation of AI as a co-author in the creation of fictional narratives in Portuguese, discussing the limits, possibilities, and ethical conditions of such collaboration. Based on a corpus of eight short stories produced by generative AI (ChatGPT, 2024 model), the study examines discursive mechanisms, narrative strategies, and simulations of authorship present in the texts. The theoretical framework draws on Materialist Discourse Analysis (ORLANDI, 2007; PÊCHEUX, 2009), studies on technodiscourse (PAVEAU, 2021), epistemological reflections on authorship (FOUCAULT, 2009; BARTHES, 1988), and contemporary debates on AI ethics presented by UNESCO (2021) and ANPED (2023). The results show that although AI can produce cohesive, expressive, and culturally contextualized texts, its activity is limited to the statistical recombination of pre-existing patterns, operating predominantly through paraphrase and pattern recognition. It lacks historical inscription, subjectivity, and discursive responsibility—dimensions essential for human authorship. The study concludes that, within the Brazilian context, AI can function as an aesthetic, critical, and pedagogical tool, but not as a full co-author. The analysis also highlights pathways for future research in digital literature, authorship ethics, and technological literacies.

**Keywords:** Authorship; Artificial Intelligence; Brazilian Narrative; Co-authorship; Technodiscourse; AI Ethics; Digital Literature.

## 1 INTRODUÇÃO

A incorporação de inteligências artificiais geradoras aos processos comunicacionais e acadêmicos tem produzido alterações significativas nas formas de elaboração, circulação e legitimação dos discursos. No contexto brasileiro, tais transformações ocorrem em meio a uma dinâmica sociocultural marcada simultaneamente pela diversidade linguística e por desigualdades estruturais que atravessam o acesso às tecnologias e às práticas de produção cultural. Nessas condições, discutir a atuação da IA na criação literária exige considerar, de maneira integrada, dimensões técnicas, estéticas, éticas e epistemológicas.

Enquanto parte expressiva das pesquisas sobre escrita literária mediada por IA se consolidou em países do Norte Global, no Brasil a discussão assume contornos próprios, atravessados por questões de autoria, colonialidade, periferia e identidades coletivas. A tradição cultural brasileira caracteriza-se por expressões plurais, como o rap, o cordel, o *funk*, a literatura marginal e a produção periférica, que tensionam modelos hegemônicos de criação artística e evidenciam a centralidade das experiências históricas na constituição do discurso literário. É nesse ambiente heterogêneo que a IA começa a ser mobilizada como recurso experimental, ampliando modos de criação, mas também inaugurando desafios interpretativos.

A IA gerativa não pode ser compreendida apenas como mecanismo instrumental, por isso, conforme Paveau (2021), os enunciados produzidos por sistemas digitais integram um



tecnodiscocurso, isto é, uma forma de discurso cujos funcionamentos resultam de condições técnico-materiais, algoritmos e operações estatísticas. Essa materialidade específica implica reconhecer que a IA não tem como princípio a replicação de modelos de linguagem humana, mas produz textos que intervêm no ecossistema comunicativo contemporâneo e participam da construção de sentidos.

No campo literário, essa intervenção tecnológica tem suscitado debates sobre a possibilidade de a IA desempenhar a função de coautora. A presença crescente de narrativas geradas ou co-produzidas por algoritmos em editoras, revistas e plataformas digitais ocorre, por vezes, sem critérios claros de transparência ética. Paralelamente, estudantes, docentes, escritores independentes e pesquisadores recorrem à IA como apoio à elaboração de personagens, cenários e estruturas narrativas, o que reforça a necessidade de examinar suas implicações discursivas.

A questão central que orienta este estudo, portanto, diz respeito à natureza da produção textual da IA: pode um sistema que não dispõe de corpo, memória, inscrição histórica ou experiência vivida ser reconhecido como coautor de uma narrativa? A hipótese defendida nesta pesquisa sustenta que a resposta é negativa. Com apoio na Análise do Discurso e nos estudos de autoria, argumenta-se que a IA realiza uma simulação de autoria, e não autoria propriamente dita, uma vez que sua textualidade decorre de procedimentos estatísticos de recombinação de dados, impossibilitando a assunção de uma posição autoral e de responsabilidade discursiva, conforme discutido por Orlandi (2007).

Diante desse cenário, este artigo examina a produção literária gerada por IA em língua portuguesa no contexto brasileiro, articulando fundamentos teóricos, metodologia documental e análise discursivo-literária. Busca-se compreender de que modo a IA opera na constituição de narrativas, quais limites se evidenciam em sua atuação e que contribuições podem emergir para a reflexão crítica, estética e pedagógica em um ambiente digitalizado.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Autoria e função-autor: bases epistemológicas

A problematização do conceito de autoria é uma das discussões mais relevantes das ciências humanas a partir da segunda metade do século XX. Esse debate surge como resposta crítica ao modelo romântico de autor, entendido como um indivíduo dotado de genialidade, autonomia criativa e controle absoluto sobre o sentido de sua obra. Tal concepção, fortemente associada à modernidade europeia, começa a ser questionada quando as teorias da linguagem, da literatura e do discurso passam a evidenciar que todo texto é um produto histórico e simbólico, atravessado

por práticas sociais, repertórios culturais e redes de discursos já existentes.

Roland Barthes (1988), em seu ensaio *A morte do autor*, inaugura um deslocamento decisivo ao propor que o sentido textual não se origina da interioridade psicológica do escritor, mas da pluralidade de vozes que constituem a linguagem. Ao afirmar que “a morte do autor é o nascimento do leitor” (Barthes, p. 64, 1988), o autor indica que a interpretação não depende da intenção criadora, mas do modo como o texto dialoga com outros discursos e com suas condições de circulação. A autoria deixa de ser entendida como expressão individual e passa a ser vista como efeito de linguagem, resultado da relação entre texto e leitor.

Michel Foucault (2009) amplia o debate ao formular o conceito de função-autor, enfatizando que o autor não é um indivíduo empírico, mas um princípio discursivo que organiza, legitima e regula os enunciados. Segundo o filósofo, a função-autor opera como mecanismo institucional: ela define quais textos podem ser atribuídos a um autor, quais têm valor de verdade, quais circulam como literatura e quais permanecem anônimos ou excluídos. Nesse sentido, o autor não é apenas sujeito da escrita, mas também dispositivo de controle discursivo.

Essa formulação é essencial para compreender por que a autoria não pode ser reduzida à mera assinatura. A função-autor implica responsabilidade, historicidade e posicionamento. O texto não emerge do nada; ele é produzido em condições específicas que moldam sua forma, seu alcance e seus efeitos. Essa perspectiva torna-se fundamental para pensar a relação entre autoria humana e produção textual por inteligência artificial, já que a IA não ocupa posições sociais, não responde eticamente pelo que diz e não assume a responsabilidade própria da função-autor.

A Análise do Discurso de linha materialista aprofunda essa discussão ao relacionar autoria e ideologia. Orlandi (2007) teoriza que tornar-se autor implica historicizar o próprio dizer, assumindo uma posição no interdiscurso. Não há autoria sem memória discursiva, sem diálogo com o já dito e sem possibilidade de produzir deslocamentos que atribuem singularidade ao texto. O autor, portanto, não é um sujeito soberano, mas um sujeito atravessado pela linguagem e assujeitado pela história. A autoria é sempre um trabalho: um gesto simbólico que articula continuidade e ruptura.

Pêcheux (2009), também no campo da análise materialista, reforça a ideia de que o sujeito é constituído ideologicamente. Assim, o autor não é aquele que “cria do zero”, mas aquele que reinscreve sentidos em condições determinadas. A novidade, quando aparece, não é resultado de liberdade absoluta, mas de enfrentamentos discursivos que permitem reorganizar o já-dito. Em outras palavras, a autoria é um processo político, pois envolve tomada de posição, enfrentamento de discursos e possibilidade de deslocamento semântico.

Essa perspectiva contrasta radicalmente com o funcionamento de sistemas de inteligência

artificial generativa. Enquanto o sujeito humano cria a partir de uma inscrição histórica e social, a IA opera mediante recombinação estatística de dados, sem experiência, sem vivência corporal e sem memória histórica no sentido discursivo. A máquina não assume responsabilidade nem participa do jogo ideológico que constitui o ato de autoria. Ela produz sequências textuais coerentes, mas não realiza os gestos de interpretação e de enfrentamento de sentidos característicos da produção autoral.

Além disso, ao considerar a circulação dos textos, a lógica de autoria se complexifica diante do ambiente digital. A internet fragmenta e multiplica vozes, tornando cada vez mais difícil identificar delimitações rígidas entre produtor, coautor, leitor e plataforma. Nesse cenário, a função-autor passa a operar em disputa: autores humanos precisam reivindicar sua posição frente a algoritmos capazes de gerar grandes volumes de texto. Como discutem Paveau (2021) e Gallo (2023), a IA produz tecnodiscursos que circulam de modo massivo, criando efeitos de autoria sem, no entanto, situar-se em uma posição autoral.

Essas transformações também impactam práticas literárias brasileiras. A literatura contemporânea dialoga francamente com múltiplos repertórios culturais, como a periferia, a oralidade, a música, as mídias digitais, e tensiona a figura do autor tradicional. Escritores como Conceição Evaristo, Ferréz, Sérgio Vaz e Jeferson Tenório propõem modos de autoria marcados por historicidade, racialidade, territorialidade e memória. Esses elementos, constitutivos da experiência humana, não podem ser reproduzidos pela IA em sua materialidade real.

Ao compreender a autoria em seu sentido epistemológico e discursivo permite afirmar que a IA não ocupa a posição-autor: ela simula padrões, mas não historiciza seu dizer; organiza textos, mas não assume responsabilidade; combina dados, mas não interpreta o mundo. As diferenças entre produção humana e produção algorítmica não são apenas técnicas: são profundamente ontológicas e políticas. Por essa razão, discutir autoria é um passo indispensável para avaliar criticamente a coautoria humano-algorítmica no contexto literário brasileiro.

## 2.2 Tecnodisco<sup>r</sup>so: linguagem gerada por máquinas

O debate contemporâneo sobre linguagem digital exige reconhecer que os enunciados produzidos por sistemas artificiais não se incorporam simplesmente à tradição discursiva humana como imitações mais ou menos bem-sucedidas. Paveau (2021) propõe compreender essa materialidade emergente por meio do conceito de tecnodisco<sup>r</sup>so, expressão que destaca a especificidade das formas textuais produzidas em ambientes mediados por tecnologias computacionais. O tecnodisco<sup>r</sup>so não nasce da experiência vivida, nem se organiza segundo a

lógica interpretativa própria dos sujeitos, mas se constitui no interior de práticas sociotécnicas que, pela sua natureza, conferem aos textos uma feição marcada por regularidades, estabilizações e padrões que se distinguem do gesto autoral humano.

Essa especificidade não se deve a um suposto caráter artificial da linguagem, mas ao fato de que tais textos carregam, de maneira incorporada, as mediações técnicas que os tornam possíveis. Cada enunciado gerado por IA resulta de processos formativos que envolvem seleções, filtragens, modelagens e priorizações, inscritas em práticas de desenvolvimento tecnológico situadas historicamente. Assim, quando uma IA produz um conto ou uma descrição, ela reinscreve, de modo próprio, discursos que circulam socialmente, mas o faz por meio de uma dinâmica que favorece regularidade, harmonia e conciliação, raramente abrindo espaço para tensões ou fraturas discursivas.

Paveau (2021) observa que o tecnodiscocurso tende à atenuação de conflitos semânticos, produzindo textos que privilegiam previsibilidade e continuidade. Essa tendência se manifesta na homogeneidade dos enredos, na construção de personagens pouco contraditórios e na escolha de tonalidades discursivas que evitam confrontos explícitos, ambiguidades estruturais ou desvios linguísticos: recursos que, na literatura humana, frequentemente funcionam como motores da criação estética. A IA, ao gerar narrativas, opera dentro de margens de segurança que impedem a emergência de dissensos, ironias mordazes ou rupturas estilísticas profundas. Trata-se de um discurso que se mantém em superfície lisa, buscando coerência e equilíbrio, mesmo quando tenta simular dramaticidade ou complexidade emocional.

Com isso, o tecnodiscocurso não deve ser visto como deficiente ou inferior, mas como um modo particular de produção textual, cujos efeitos são perceptíveis sobretudo na recorrência temática e na maneira como a linguagem tende a se alinhar a formas já amplamente difundidas na circulação cultural contemporânea. Em vez de produzir tensionamentos, ele tende a reafirmar representações consolidadas, estabilizando sentidos que já gozam de reconhecimento social. Essa característica é especialmente relevante no caso de narrativas ficcionais, pois evidencia que a IA, ao produzir textos literários, atua de forma mais próxima de um mediador da cultura do que de um agente criador no sentido autoral tradicional.

A literatura gerada em ambientes algorítmicos, portanto, deve ser compreendida como parte de um ecossistema discursivo próprio, cujas condições de produção distinguem-se das práticas humanas sem, contudo, romper totalmente com elas. O tecnodiscocurso não substitui o discurso humano, mas circula ao lado dele, com implicações estéticas, éticas e políticas ainda em processo de compreensão. Reconhecer essa especificidade permite analisar as produções literárias da IA não como falhas, mas como material simbólico que exige leitura crítica e contextualizada.

### 2.3 Ética da IA e responsabilidade discursiva

A ampliação do uso de inteligências artificiais em contextos acadêmicos, culturais e educacionais tem mobilizado reflexões cada vez mais profundas sobre ética, autoria e responsabilidade. A UNESCO (2021) enfatiza que tecnologias dessa natureza não podem ser incorporadas sem uma análise cuidadosa de seus impactos sociais, sobretudo porque participam de práticas discursivas que moldam percepções, produzem sentidos e influenciam decisões. De modo convergente, o documento publicado pela ANPED (2023) argumenta que o emprego de IA na produção textual deve ser pautado pela transparência, pelo reconhecimento das mediações tecnológicas envolvidas e pela necessidade de distinguir o gesto humano de escrita das simulações produzidas pelas máquinas.

Essas preocupações tornam-se particularmente relevantes quando se trata de textos literários. A literatura não é apenas uma forma de arte; ela constitui espaço privilegiado de elaboração da experiência humana, memória coletiva e disputa simbólica. Ao utilizar IA para compor narrativas, corre-se o risco de naturalizar formas textuais que, embora coerentes, reproduzem representações cristalizadas, reforçam desigualdades e silenciam vozes que historicamente encontram na literatura um campo de resistência. A produção algorítmica, por sua lógica interna, tende a reiterar aquilo que é mais abundante e mais visível nos repertórios culturais, o que pode levar à perpetuação de vieses raciais, de gênero, regionais e de classe.

A ética da IA, nesse sentido, não se limita à discussão sobre plágio ou originalidade, mas envolve compreender como tais tecnologias participam da formação de discursos e como seus efeitos incidem sobre diferentes grupos sociais. A responsabilidade discursiva, entendida como capacidade de responder pelo que é dito e assumir as consequências simbólicas de um enunciado, permanece intrinsecamente ligada ao sujeito humano. Como destacam teorias do discurso, a autoria envolve assumir posição no mundo, inscrever-se historicamente e produzir sentidos que emergem do encontro entre memória, corpo, afetos e condições materiais de existência. A IA, por sua vez, não se reconhece nesses termos, pois seus textos não resultam de vivências, mas de reencontros com materiais previamente disponibilizados.

A ética, portanto, exige que a utilização de IA na literatura seja feita com clareza metodológica e responsabilidade, sem atribuir à máquina um lugar que ela não pode ocupar. Em vez de substituir a autoria humana, a tecnologia deve ser compreendida como ferramenta que pode enriquecer processos criativos e pedagógicos, desde que seu uso seja acompanhado de reflexão crítica. A literatura continua sendo, antes de tudo, espaço de fala humana; a IA participa desse



espaço como mediadora técnica, e não como agente de sentido. Reconhecer esse limite é condição para que seu uso não comprometa a pluralidade discursiva nem contribua para o apagamento das histórias e experiências que constituem a produção literária no Brasil.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida neste estudo articula procedimentos provenientes da análise do discurso, da crítica literária e da pesquisa documental, de modo a possibilitar uma investigação consistente sobre o funcionamento da inteligência artificial na produção de narrativas ficcionais. A Análise do Discurso de orientação materialista fornece o eixo interpretativo central, por permitir compreender os enunciados não como entidades isoladas, mas como parte de processos históricos, culturais e ideológicos que atravessam a linguagem. A crítica literária, por sua vez, oferece ferramentas para examinar a construção estética das narrativas, levando em consideração elementos como voz narrativa, configuração das personagens, organização do enredo e operações retóricas. A pesquisa documental complementa o arcabouço metodológico ao garantir o registro sistemático dos procedimentos de geração textual, assegurando transparência, rastreabilidade e reproduzibilidade do processo.

O corpus analisado é composto por oito contos produzidos pela inteligência artificial mediante prompts previamente elaborados e registrados. A definição desse conjunto numérico não obedece apenas a um critério arbitrário; a escolha de oito narrativas busca assegurar diversidade temática suficiente para observar o comportamento da IA em diferentes situações de enunciação ficcional, permitindo examinar como o modelo manipula variantes estilísticas, composições narrativas e elementos culturais brasileiros. Optou-se por uma quantidade que garantisse amplitude analítica, sem comprometer a profundidade interpretativa. Além disso, a multiplicidade de contos facilita a identificação de regularidades discursivas recorrentes, bem como a observação de possíveis variações significativas nos modos de construção textual, o que contribui para a verificação das condições de circulação e estabilização dos sentidos produzidos pelo modelo.

Todos os contos foram gerados em português brasileiro, sem qualquer intervenção humana posterior além da formulação dos prompts que os originaram. Essa decisão metodológica é essencial para compreender até que ponto a IA, treinada em bases multilíngues, é capaz de mobilizar elementos próprios do repertório cultural brasileiro, incluindo expressões idiomáticas, nuances socioculturais, marcas de oralidade e representações simbólicas. Ao excluir edições humanas sobre os textos, buscou-se preservar a integridade do material produzido e observar, em estado bruto, o modo como a IA organiza narrativas, constrói personagens e articula vozes



ficionais. A geração dos contos foi realizada em ambiente controlado, mantendo as mesmas condições de requisição para evitar variações decorrentes de fatores externos à pesquisa.

A análise dos contos foi conduzida a partir de três direções teórico-metodológicas que se entrecruzam. A primeira concentra-se na constituição da voz narrativa e na forma como a IA reproduz, ou simula, marcas de subjetividade, focalização e coerência interna. Esse eixo busca compreender se há indícios de autoria simulada e como o texto constrói a ilusão de um sujeito que narra. A segunda direção examina a representação cultural nas narrativas, investigando como a IA aciona elementos do imaginário brasileiro, quais estereótipos tende a reproduzir, e como lida com temas sensíveis no campo da identidade, da regionalidade e das relações sociais. Trata-se de compreender se o modelo reforça padrões hegemônicos ou se apresenta abertura para formas mais plurais de representação. A terceira direção volta-se para as implicações éticas, estéticas e discursivas da produção literária por inteligência artificial, procurando identificar limites e potenciais da coautoria humano-algorítmica, bem como tensões entre criatividade, responsabilidade discursiva e materialidade tecnológica.

Para assegurar a transparência e a verificabilidade do estudo, todos os contos gerados pela IA são apresentados integralmente no anexo, acompanhados dos prompts utilizados. A inclusão desse material é fundamental para permitir que outros pesquisadores avaliem as condições de produção, verifiquem os procedimentos metodológicos e repitam o experimento, se desejarem. A disponibilização integral do corpus não apenas garante rigor científico, mas também reforça o compromisso ético da pesquisa, especialmente em um campo em que a opacidade dos sistemas tecnológicos constitui um dos maiores desafios contemporâneos.

Essa metodologia, ao combinar diferentes perspectivas analíticas e registrar com precisão cada etapa do processo, permite compreender de forma abrangente o funcionamento literário da IA no contexto brasileiro, oferecendo elementos robustos para a reflexão sobre autoria, tecnodiscocurso e ética na era digital.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

### 4.1 A voz narrativa: coerência sem historicidade

A análise dos contos revela um traço recorrente: a IA mantém rigor formal na organização sintática, preserva coesão linear entre os eventos e adota expressões afetivas amplamente disseminadas na cultura midiática. Em *A procura pelo tom certo*, por exemplo, o narrador descreve o protagonista como alguém que caminha “com o coração cheio de tristeza”, expressão que

evidencia o repertório emocional padronizado a que a IA recorre. Esse tipo de formulação, embora compreensível e funcional, apresenta o que Orlandi (2007) denomina de paráfrase do já dito, pois opera pela repetição de fórmulas antigas, reforçando sentidos estabilizados na memória discursiva, sem instaurar deslocamentos interpretativos.

O mesmo ocorre em expressões como “dedicação e coragem”, presentes em Pequeno, mas poderoso: o jogador mais baixo da NBA vence o MVP. A narrativa constrói uma trajetória linear, baseada em superação individual e moralização, convergindo com discursos hegemônicos sobre meritocracia e esforço pessoal. O protagonista sempre “treina dia e noite”, “surpreende a todos” e termina sendo recompensado por seu esforço. Essa estrutura narrativa ecoa o que Barthes (1988) identifica como mitologias modernas: narrativas que, disfarçadas de histórias individuais, naturalizam valores sociais vigentes. A IA reproduz esse padrão porque opera, como indica Paveau (2021), dentro da lógica do tecnodiscocurso, que tende à harmonização dos conflitos, à redução de ambiguidades e à manutenção de sentidos previsíveis.

A ausência de historicidade se torna ainda mais visível quando contrastamos os contos com autores brasileiros cuja escrita tensiona profundamente a subjetividade narrativa. Em Guimarães Rosa, por exemplo, a subjetividade emerge em torções sintáticas, invenções lexicais e deslocamentos de sentido; em Carolina Maria de Jesus, irrompe como experiência encarnada da fome, da exclusão e da luta; em Conceição Evaristo, surge como memória coletiva inscrita no corpo e na ancestralidade; em João Antônio, manifesta-se na oralidade tensa da periferia urbana. Em contraste, os contos gerados pela IA apresentam personagens emocionalmente genéricos, cujas motivações e afetos são descritos de modo uniforme, sem contradições internas ou tensões subjetivas. Essa ausência de conflitos psicológicos ou sociais confirma o diagnóstico de Foucault (2009) sobre o estatuto da função-autor: falta à IA a capacidade de assumir uma posição discursiva, de se responsabilizar por enunciados ou de produzir os gestos de autoria que historizam a linguagem.

Isso também se manifesta na criação de personagens como Niiv, em *O capitão do navio sem tripulantes*, cuja jornada é estruturada de forma exemplar. Niiv é sempre “experiente”, “habilidoso”, “determinado”; nunca erra, nunca se confronta consigo mesmo, nunca expressa contradições humanas profundas. Sua evolução narrativa culmina em uma reflexão padronizada sobre “o valor da jornada”, reforçando a tendência ao final edificante. A IA, ao se apoiar amplamente em estruturas moralizantes, torna evidentes seus limites na constituição de subjetividades complexas. A subjetividade humana, como observa Orlandi (2007), não é transparente nem pacificada: ela se produz em conflito, atravessada por condições históricas, sociais e ideológicas; elementos inacessíveis à textualidade produzida artificialmente.

Assim, a análise da voz narrativa indica que a IA não produz autoria, mas sim uma simulação de autoria. Os textos mantêm coerência e fluidez, mas carecem de engajamento existencial, político ou estético. Essa ausência é consequência estrutural do próprio funcionamento dos modelos generativos.

#### 4.2 Cultura brasileira: presença superficial e estereotipada

Quando se analisa a presença da cultura brasileira nos contos, observamos que a IA consegue identificar referências culturalmente relevantes, mas tende a representar esses elementos de forma superficial, despolitizada e descontextualizada. O conto *A inspiração da poesia* demonstra isso de maneira clara. O texto menciona Racionais MC's e Mano Brown, mas reduz essa presença a uma narrativa motivacional. Josué, o protagonista, “se inspira nas mensagens positivas” e passa a valorizar o rap como linguagem de superação individual. No entanto, a obra de Mano Brown, como destaca Holland (2019), se estrutura como denúncia da violência racial, crítica à desigualdade e afirmação da identidade periférica, dimensões completamente ausentes no conto.

Para uma maior materialização de conceitos, a seguinte tabela é evidenciada:

**Tabela 1: Tabelas de análise**

1. “A procura pelo tom certo”

“A música vem do coração.”	A fala da velhinha ativa um imaginário romântico sobre a criação artística; discurso que naturaliza o talento como essência.	Cultura musical brasileira e latino-americana marcada pela ideia de “inspiração”, “música da alma”.	A IA reproduz a ideia de que arte é uma manifestação interna pura; na realidade, música envolve técnica, treinamento e contexto histórico.
“O violeiro caminhava... em busca da música perfeita.”	Sujeito construído como em buscador, figura do artista errante: posição discursiva clássica.	Arquétipo do “viajante/artista” comum em literatura e cancioneiros.	A IA projeta um ideal romântico da perfeição musical; na realidade, a perfeição é subjetiva e culturalmente situada.
“Cabana no meio da floresta.”	Construção de cenário mítico, remetendo ao interdiscurso dos contos tradicionais.	Mitologia universal do “sábio no eremitério”.	IA replica padrões narrativos universais; realidade raramente apresenta encontros mágicos com sábios isolados.

2. “O jogador mais baixo da NBA vence o MVP”

“homem pequeno e ágil... menos de 1,80m”	Formação discursiva de superação física, sujeito heroica.	Ideal esportivo norte-americano: mérito, esforço e “self-made winner”.	A IA reforça narrativas de superação; na realidade, a NBA tem forte seleção corporal e estatísticas tornam improvável tal cenário.
“treinou dia e noite”	Discurso meritocrático; interdiscurso do esforço absoluto.	Cultura motivacional esportiva.	IA reproduz clichês motivacionais; realidade mostra que treinamento intenso não supera limitações estruturais da liga.
“inspirou muitos jovens atletas”	Ideologia do exemplo pessoal, figura do herói esportivo.	Cultura midiática do esporte.	IA reproduz narrativa inspiracional típica; realidade: impactos são mais complexos, com fatores econômicos, acesso a treino etc.

3. “O capitão do navio sem tripulantes”



“único homem a bordo”	Sujeito constituído no discurso do autossuficiente, interdiscurso do “lobo do mar”.	Cultura marítima e literatura náutica.	IA reforça arquétipo; realidade: embarcações exigem tripulação e normas de segurança.
“Algo lá mais para...”	Discurso existencialista; sujeito construído como buscador de sentido.	Tradição literária (Melville, Conrad, Homero).	IA gera narrativas de busca interior; realidade é mais limitada por geografia, condições físicas e econômicas.

4. “A noite de azar de Joe no cassino”

“perdeu \$200.000”	Discurso dramático que constrói um evento traumático.	Cultura de Las Vegas, risco e azar.	IA dramatiza eventos; realidade envolve regras rígidas de apostas, limites e segurança financeira.
“dia mais dark”	Estrangeirismo e dramatização interdiscurso de filmes/polpa noir.	Cultura pop norte-americana.	IA adota linguagem cinematográfica; realidade é menos épica e mais documental.

5. “O legado de José”

“com apenas uma perna”	Discurso de superação extrema, sujeito representado como herói trágico.	Cultura esportiva da deficiência como superação (paralímpicos).	IA exagera a viabilidade (pessoa amputada vencer Tour de France é biologicamente improvável).
“morreu no palco”	Recurso dramático, interdiscurso da tragédia clássica.	Cultura midiática de ídolos que morrem no auge.	IA cria fim dramático; realidade seria investigada, mais burocrática, menos narrativa.

6. “Gotham sem Batman”

“cidade tomada pelo crime”	Formação discursiva do medo urbano.	Mito dos super-heróis cultura dos quadrinhos.	IA projeta lógica ficcional; realidade: crime envolve políticas públicas, economia, não um único herói.
“vácuo deixado pelo Batman”	Discurso de dependência do salvador.	Cultura messiânica do herói.	IA alimenta imaginário heroico; realidade: sociedades não funcionam por heróis individuais.

7. “Os últimos suspiros de Hemingway”

“olhando o pôr do sol”	Discurso de despedida, construção de cena ritualizada.	Cultura humanista da morte digna.	IA romantiza o fim da vida; realidade: morte é médica, burocrática, sem roteiro.
“última história”	Sujeito escritor mitificado.	Culto ao gênio literário.	IA perpetua idealização do escritor; realidade biográfica de Hemingway é muito mais brutal e complexa.

8. “A inspiração da poesia”

“mensagens de empoderamento”	Formação discursiva da consciência social, ligada ao interdiscurso do rap.	Cultura periférica, hip hop brasileiro, Racionais MCs.	IA enxerga o rap como estética de superação; realidade inclui violência, exclusão e complexidade social.
“influenciando sua forma de escrever”	Sujeito construído como aprendiz transformado.	Cultura da poesia urbana.	IA romantiza o impacto da arte; realidade é mais diversa e marcada por trajetórias sociais.

**Fonte:** A autora (2025).

As referências estão corretas, mas não produzem densidade histórica. A IA nomeia elementos da cultura brasileira, mas falha em tecer relações com suas condições sociais de emergência. A representação torna-se plana: o rap é descrito como “mensagem positiva”, a periferia como espaço inspirador e a experiência negra como fonte abstrata de motivação. Ao esvaziar a historicidade das referências, o tecnodiscorso transforma manifestações culturais marcadas por conflito e resistência em signos genéricos.

Algo semelhante ocorre no conto Pequeno, mas poderoso. A narrativa adota o basquete como tema, mas o trata de forma idealizada, ignorando debates brasileiros sobre desigualdade de acesso ao esporte, racismo e precarização do trabalho no atletismo. O mesmo padrão aparece em O legado de José, cujo protagonista vence o Tour de France mesmo com uma perna amputada. O conto reforça a lógica heroica individual, sem reconhecer que histórias de deficiência corporal,

esporte e superação, no Brasil, passam por políticas públicas insuficientes, exclusão econômica e negação de direitos, temas amplamente discutidos na literatura sociológica brasileira.

Essa tendência confirma a tese de Paveau (2021) segundo a qual o tecnodiscocurso, ao operar pela estabilização de sentidos, tende à reprodução de narrativas hegemônicas, evitando zonas de conflito. A IA reconhece os signos da cultura brasileira, mas não suas contradições estruturais. Não há racialização dos corpos, problematização da desigualdade, tensão social ou crítica à violência, elementos constitutivos de grande parte da literatura brasileira contemporânea. A cultura aparece como inventário, não como luta simbólica.

#### 4.3 Ética e responsabilidade discursiva

A análise dos contos evidencia limites éticos intrínsecos à textualidade produzida por IA. Como o tecnodiscocurso não é produzido por um sujeito responsável, ele carece daquilo que Bakhtin (2010) define como *dialogismo concreto*: a relação efetiva entre vozes sociais em conflito, que produz polifonia, tensão e resposta ativa ao outro. Nos contos analisados, o diálogo existe apenas como forma textual, nunca como confronto ético entre experiências humanas.

Em *A noite de azar de Joe no cassino*, por exemplo, a narrativa menciona que Joe vive “o dia mais *dark*” de sua vida. A incorporação da palavra em inglês, deslocada no registro, evidencia não apenas uma estilização superficial, mas também a ausência de posicionamento crítico sobre endividamento, vício, precariedade emocional e desigualdade estrutural. A linguagem descreve, mas não toma posição. Ela narra eventos, mas não se compromete com as implicações simbólicas ou sociais desses eventos. Não há autoria no sentido foucaultiano; há apenas produção textual.

Do ponto de vista discursivo, como argumenta Orlandi (2007), a autoria envolve assumir responsabilidade pelos efeitos de sentido produzidos. A IA não responde pelo que diz, porque não ocupa uma posição de sujeito. Isso explica por que os contos evitam ironia profunda, crítica política ou representação de temas sensíveis que exigiriam compromisso ético. A tecnologia opera como mediadora sem implicação, e isso se traduz na neutralização da narrativa.

Essa limitação ético-discursiva impede que a IA participe plenamente de um processo de criação literária, entendido como prática política, estética e histórica. Embora a IA seja capaz de produzir textos, ela não produz compromisso, responsabilidade ou posicionamento — dimensões fundamentais da autoria.

#### 4.4 A estética do reconhecimento (e não do estranhamento)

A análise estética dos contos revela que a IA produz narrativas orientadas pelo reconhecimento, e não pelo estranhamento. Em *Os últimos rascunhos de um gênio*, a figura de Hemingway surge como escritor introspectivo que reflete, em tom melancólico, sobre sua trajetória e aceita serenamente a morte. O texto reproduz uma versão idealizada, sentimental e harmoniosa do escritor, distante das contradições reais que marcam sua obra e sua vida. O conto não confronta o legado do autor, não provoca deslocamentos interpretativos, não tensiona o imaginário literário.

Benjamin (1987) entende o estranhamento como condição da experiência estética: a arte deve interromper fluxos, produzir fissuras no reconhecimento, instaurar inquietação. Adorno (2003), igualmente, defende que a arte crítica rompe com a cultura de consumo ao se opor à repetição de formas estabilizadas. A IA, entretanto, opera de modo inverso. Ao evitar rupturas e preferir soluções harmônicas, ela se aproxima dos mecanismos da indústria cultural: produz textos que não incomodam, que reforçam expectativas e que circulam sem atrito. São narrativas medianas, que não arriscam invenção nem profundidade.

Essa estética do reconhecimento é nítida em *Gotham sem Batman*, onde a IA projeta um universo ficcional inteiramente previsível: o caos se instala sem o herói, o Coringa domina a cidade, outros heróis podem aparecer, mas nada escapa ao imaginário consolidado da cultura pop. O conto não experimenta variações estéticas significativas, não cria desvio estrutural, não questiona o gênero do super-herói. Ele reafirma aquilo que já está dado.

Desse modo, a literatura produzida por IA aproxima-se da cultura seriada: organiza narrativas a partir de padrões reconhecíveis, não a partir de invenções. A repetição constitui o cerne do tecnodiscocurso. Sem historicidade, sem conflito e sem posicionamento, a IA produz textos que se mantêm na superfície e confirmam sentidos dominantes, ao invés de perturbá-los.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação realizada permite afirmar, com clareza metodológica e respaldo teórico, que a inteligência artificial generativa não pode ser concebida como coautora plena no sentido discursivo, literário ou epistemológico. Embora os contos analisados apresentem organização narrativa consistente, fluidez sintática e adequação temática, tais características não decorrem de um gesto autoral inscrito na história, mas do funcionamento próprio do tecnodiscocurso, conforme formulado por Paveau (2021). Os textos produzidos pela IA operam predominantemente por combinação de regularidades, circulação de fórmulas estabilizadas e manutenção de sentidos dominantes, sem instaurar descontinuidades, contradições ou deslocamentos que caracterizam a autoria humana na perspectiva da Análise do Discurso.

A ausência de historicidade nos enunciados, evidenciada pela recorrência de estruturas emocionalmente genéricas e narrativas moralizantes, confirma o diagnóstico de Orlandi (2007) e Pêcheux (2009): não há autoria sem a inscrição de um sujeito nas redes de memória discursiva que atravessam o dizer. Os contos, ao evitarem tensões políticas e apagarem conflitos culturais, demonstram que a IA imita padrões literários reconhecíveis, mas não assume responsabilidade discursiva, elemento fundamental da função-autor discutida por Foucault (2009). Da mesma forma, não promove estranhamento, ruptura estética ou experimentação radical, aspectos essenciais da experiência literária segundo Benjamin (1987) e Adorno (2003). Trata-se, portanto, de um enunciador técnico e não de um sujeito autoral.

Os resultados também mostram que a IA é capaz de identificar signos da cultura brasileira, mas tende a representá-los de forma superficial, despolitizada e descontextualizada. Ao mencionar Racionais MC's, por exemplo, a IA reconhece a relevância cultural, porém esvazia a densidade histórica e raciais que compõem a poética do grupo, conforme analisa Hollanda (2019). Isso confirma que o tecnodiscocurso tende à neutralização dos conflitos e à reprodução de repertórios dominantes, configurando risco de apagamento ou homogeneização de expressões culturais subalternizadas. As narrativas analisadas demonstram que a IA evita confrontar desigualdades, tensões sociais e questões identitárias — dimensões constitutivas da literatura brasileira contemporânea.

Do ponto de vista ético, os achados dialogam com as recomendações da UNESCO (2021) e da ANPED (2023), que alertam para a necessidade de critérios rigorosos de responsabilidade, transparência e reflexão crítica no emprego de sistemas generativos em contextos educacionais e acadêmicos. A IA não responde pelo que diz; logo, sua produção não pode ser tratada como equivalente à criação humana. A leitura e o uso de textos gerados artificialmente requerem atenção às assimetrias de poder inscritas nos algoritmos, aos vieses culturais incorporados nas bases de treinamento e às condições de circulação que influenciam a recepção.

A análise realizada evidencia que a IA produz textos, mas não autoria; produz narrativas, mas não literariedade no sentido forte; produz coerência, mas não historicização; produz reconhecimento, mas não estranhamento. Tais limitações não desqualificam seu potencial, mas delimitam seu lugar. A IA pode funcionar como instrumento heurístico, como recurso pedagógico, como ferramenta de escrita assistida ou como provocação estética que obriga a repensar a criação literária no contexto digital. Entretanto, seu uso, sem mediação crítica, pode reforçar hegemonias culturais, obscurecer conflitos sociais e diluir a potência política da literatura.

A partir desses resultados, abrem-se caminhos fecundos para pesquisas futuras. Uma possibilidade é a comparação entre textos gerados exclusivamente por humanos e textos híbridos,

fruto da interação humano–IA, a fim de identificar quais práticas colaborativas preservam, ou não, o gesto autoral. Estudos de recepção com leitores brasileiros podem esclarecer como tais narrativas são percebidas, avaliadas e legitimadas no campo literário. Investigações pedagógicas poderão analisar o impacto da IA nos processos de formação escritural em escolas e universidades, avaliando oportunidades e riscos. Além disso, torna-se necessário examinar como algoritmos contribuem para o apagamento de experiências marginalizadas ao replicarem apenas repertórios amplamente difundidos em corpora digitais.

O evidente obstáculo colocado ao campo literário e aos estudos discursivos, portanto, não é decidir se a IA substitui o sujeito: o que, teoricamente, se mostrou inviável, mas compreender como sua presença reorganiza práticas estéticas, regimes de circulação e formas de reconhecimento cultural. O tecnodiscocurso não elimina a autoria humana; porém, exige que ela seja pensada de modo renovado, considerando as tensões entre materialidades digitais, políticas do algoritmo e historicidade do dizer. No cenário contemporâneo, a criação literária permanece como prática social, estética e política, e a IA, longe de ocupar o lugar do autor, convoca a crítica a redefinir com mais precisão o que significa escrever, criar e significar em um mundo marcado pela mediação tecnológica.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Teoria estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. Uso ético da inteligência artificial na pesquisa educacional. Brasília: ANPED, 2023. Disponível em: <https://anped.org.br>. Acesso em: 04 dez. 2025.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?**. Lisboa: Vega, 2009.

HOLLANDA, H. B. **Literatura marginal: a periferia no centro**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2019.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PAVEAU, M.-A. **Tecnodiscursos: ensaios sobre discursos digitais**. São Paulo: Parábola, 2021.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2009.



## **ANEXOS – textos de IA utilizados para análise**

### **1. A procura pelo tom certo**

O violeiro caminhava pelas estradas desertas, a sua viola debaixo do braço e o coração cheio de tristeza. Ele havia percorrido milhares de quilômetros em busca da música perfeita, mas até agora havia sido em vão. Ele tocava todas as noites em bares e tavernas, mas a música que saía de seus dedos nunca parecia satisfatória. Ele queria alcançar a perfeição, mas parecia que ela estava sempre fora de alcance. Um dia, enquanto caminhava pelo meio do nada, o violeiro ouviu um som distante. Era uma música suave e doce, que parecia flutuar no ar. Ele seguiu o som até chegar a uma pequena cabana no meio da floresta. Lá, encontrou uma velhinha tocando violão. A música que ela tocava era a mais bela que o violeiro já havia ouvido. Ele ficou ali, escutando a velhinha tocar até o sol nascer, e quando ela terminou, ele aplaudiu com lágrimas nos olhos. “Como você consegue tocar assim?”, perguntou o violeiro, emocionado. “A música vem do coração”, disse a velhinha, sorrindo. “Se você toca com amor, ela sempre será perfeita.” O violeiro agradeceu a velhinha e seguiu em frente, sabendo que finalmente havia encontrado a música perfeita que tanto procurava.

### **2. Pequeno, mas poderoso**

O jogador mais baixo da NBA era um homem pequeno e ágil, com menos de um metro e oitenta de altura. Apesar de sua estatura, ele era um verdadeiro gênio do basquete, com habilidades de dribble e lançamento impecáveis. Todos os anos, o prêmio de melhor jogador da NBA era disputado por atletas altos e musculosos, mas este ano, o jogador mais baixo da liga resolveu tentar a sorte. Ele treinou dia e noite, melhorando sua técnica e aumentando sua resistência física. Quando o campeonato começou, o jogador mais baixo da NBA surpreendeu a todos com suas habilidades inigualáveis. Ele se destacou em cada partida, marcando pontos decisivos e fazendo jogadas espetaculares. Ao final da temporada, o jogador mais baixo da NBA foi eleito o melhor jogador da NBA. Ele recebeu o troféu de MVP com lágrimas nos olhos, agradecendo a todos que o apoiaram em sua jornada. Sua história inspirou muitos jovens atletas a acreditarem em si mesmos e a lutarem pelos seus sonhos, independentemente de sua estatura ou condição física. Ele provou que, com determinação e dedicação, é possível alcançar qualquer meta.

### **3. O capitão do navio sem tripulantes**

Niiv era um homem experiente e habilidoso, que passara a maior parte de sua vida navegando pelos mares de Savash. Era o capitão de um navio chamado “O Velho Marinheiro”, que havia sido construído com muito cuidado e atenção aos detalhes. Era um navio robusto e confiável, que havia resistido a muitas tempestades e desafios durante suas viagens. Mas havia uma coisa única sobre o navio de Niiv: ele não tinha tripulantes. Niiv era o único homem a bordo, e ele adorava a liberdade e a independência que isso lhe proporcionava. Não precisava se preocupar com ordens ou hierarquias, e podia tomar suas próprias decisões e seguir seu próprio caminho. Com o passar dos anos, Niiv se tornou um verdadeiro mestre da navegação e da sobrevivência no mar. Ele aprendeu a pescar, a cozinhar e a consertar qualquer problema que surgisse a bordo. Também se tornou um ótimo contador de histórias, e adorava compartilhar suas aventuras com qualquer um que estivesse disposto a ouvi-lo. Mas mesmo com todas essas habilidades, Niiv não se sentia completamente satisfeito. Ele sentia que havia algo mais lá fora, algo que ainda não havia encontrado. E assim, decidiu embarcar em uma jornada para descobrir o que havia além dos mares de Savash. Durante sua viagem, Niiv enfrentou muitos desafios e obstáculos. Havia tempestades violentas e correntes marítimas traíçoeiras, mas ele sempre conseguia superar tudo isso com



astúcia e determinação. Também encontrou muitas pessoas interessantes em suas andanças, e adorava ouvir suas histórias e aprender com elas. Mas mesmo com todas essas experiências, Niiv ainda não havia encontrado o que estava procurando. Ele começou a se perguntar se algum dia encontraria o que estava procurando, ou se essa jornada seria eterna. No final, Niiv decidiu que não importava o que ele encontrasse, ou se encontrasse alguma coisa. O mais importante era a jornada em si, e as coisas que ele havia aprendido e as pessoas que havia conhecido ao longo do caminho. E assim, ele continuou a navegar, sabendo que havia muito mais para descobrir.

#### 4. A noite de azar de Joe

Joe Mamazziato era um jogador de poker experiente, mas mesmo assim ele não conseguiu acreditar no que acabara de acontecer. Ele havia acabado de perder \$200.000 para a pior dupla de cartas que já tinha visto em toda sua vida. Ele estava jogando em um cassino de Las Vegas e havia chegado lá com a intenção de ganhar algum dinheiro. Mas tudo parecia estar contra ele naquela noite. Ele havia perdido várias rodadas seguidas e estava começando a ficar desesperado. Na última rodada, ele decidiu apostar tudo o que tinha restado em sua carteira, esperando que a sorte finalmente lhe sorrisse. Mas ao invés disso, ele acabou recebendo a pior dupla de cartas possível. Tudo o que ele podia fazer era olhar para elas, incrédulo, enquanto o oponente mostrava sua mão vencedora. Joe ficou sentado ali por um longo tempo, tentando processar o que havia acabado de acontecer. Ele havia perdido tudo o que tinha, e agora não tinha ideia de como ia conseguir pagar as dívidas que havia contraído. Ele sabia que teria que começar do zero, mas não sabia como ia fazer isso. Ele acabou deixando o cassino de cabeça baixa, sem saber o que fazer. Ele sabia que teria que encontrar um jeito de se recuperar, mas não sabia como. A única coisa que sabia era que nunca mais ia arriscar tudo o que tinha em uma única rodada de poker. Aquela foi o dia mais dark da vida de Joe Mamazziato.

#### 5. O legado de José

José era um ciclista que havia lutado contra todas as adversidades para chegar ao topo. Desde cedo, ele sonhava em vencer o Tour de France, mas a vida não havia sido fácil para ele. Quando tinha apenas 10 anos, sofreu um acidente que o deixou com apenas uma perna. Muitos disseram que ele nunca seria capaz de se tornar um ciclista de alto nível, mas José não se deixou abater. Ele treinou duro todos os dias e, finalmente, conseguiu se tornar um atleta profissional. Ano após ano, José foi se aperfeiçoando e se tornando cada vez mais forte. Ele competiu em diversas etapas do Tour de France, mas nunca havia conseguido vencer. No entanto, ele nunca desistiu e continuou treinando e lutando por seu sonho. Finalmente, no ano em que completaria 35 anos, José conseguiu o que tanto almejava. Ele venceu o Tour de France, tornando-se o primeiro ciclista a fazê-lo com apenas uma perna. Foi um momento emocionante para todos que o acompanhavam e um marco na história do esporte. Após receber o prêmio, José subiu ao palco para fazer um discurso. Ele agradeceu a todos que o apoiaram e falou sobre a importância de nunca desistir dos seus sonhos. No entanto, no meio de suas palavras, ele tropeçou e caiu no chão. O público ficou chocado e uma equipe médica foi chamada imediatamente. Infelizmente, José não resistiu e faleceu naquele momento. A triste notícia se espalhou rapidamente pelo mundo, deixando todos os amantes do esporte em lágrimas. Uma jornalista que cobria a premiação disse: “A vida é tão frágil. José conseguiu realizar seu sonho mais profundo, mas infelizmente não teve a oportunidade de desfrutar da sua vitória por muito tempo”. O legado de José, no entanto, viverá para sempre. Ele inspirou milhões de pessoas a nunca desistir e a lutar pelos seus sonhos, independentemente das adversidades.

#### 6. Gotham sem o Batman

Se o Batman tivesse morrido junto aos seus pais, a situação em Gotham City seria muito diferente. Sem a figura do Cavaleiro das Trevas para protegê-la, a cidade provavelmente seria tomada pelo crime e pelo caos. Sem o Batman para combater os vilões, é provável que o Coringa tenha tomado conta da cidade e instaurado ainda mais o caos e a violência. Sem o seu arqui-inimigo para desafiá-lo, o Coringa poderia ter se tornado ainda mais poderoso e perigoso. No entanto, é possível que



outros heróis tenham surgido para tentar preencher o vácuo deixado pelo Batman. Talvez alguém tenha tomado a iniciativa de se tornar um novo Cavaleiro das Trevas, ou talvez outros heróis tenham se unido para proteger Gotham City. Sem o Batman, a cidade poderia ter seguido por um caminho muito diferente, mas é impossível saber exatamente como as coisas teriam se desenrolado. O que é certo é que a perda do Batman teria sido um golpe muito duro para Gotham City e para todos os seus habitantes.

### 7. Os Últimos Rascunhos de um Gênio (Hemingway)

Ernest Hemingway estava sentado em sua cadeira favorita, olhando pela janela para o pôr do sol que se desenhava no horizonte. Ele sabia que estava chegando ao fim de sua vida e que seus últimos suspiros estavam se aproximando. Ele pensou em sua vida, nas viagens que havia feito, nos amores que havia tido e nas palavras que havia escrito. Ele se orgulhava de ter sido um escritor importante e de ter deixado sua marca na literatura mundial. Mas agora era hora de se despedir. Ele sabia que não tinha muito tempo, então decidiu escrever sua última história. Ele pega sua caneta e começa a escrever: “Era um dia quente de verão e eu estava sentado em minha cadeira favorita, olhando para o pôr do sol. Eu sabia que estava chegando ao fim de minha vida e que meus últimos suspiros estavam se aproximando. Mas eu não tinha medo, pois havia vivido uma vida plena e cumprira meus objetivos. Eu olhei para trás e vi todas as coisas que havia feito, todas as pessoas que havia conhecido e todas as palavras que havia escrito. Eu senti uma profunda gratidão por tudo isso e por ter tido a oportunidade de compartilhar minhas histórias com o mundo. Eu olhei para o futuro e vi minha própria morte, mas não senti medo. Eu sabia que minhas histórias viveriam para sempre e que eu sempre seria lembrado como um dos maiores escritores da história. E assim, com um sorriso nos lábios e uma sensação de paz, eu fechei os olhos e deixei que os últimos suspiros de minha vida me levassem em paz”. Com essas últimas palavras, Ernest Hemingway deu seus últimos suspiros e deixou o mundo, mas suas histórias e sua influência na literatura durariam para sempre.

### 8. A inspiração da poesia

Ele gostava de vários estilos, mas tinha uma predileção especial pelo rap e pelo hip hop. Ele adorava ouvir as letras dos grandes nomes do gênero, como Tupac, Nas e Jay-Z, e sempre se inspirava nas mensagens positivas e na força das palavras que eles transmitiam. Josué era um jovem de 20 anos que sempre foi apaixonado por música. Ele gostava de vários estilos, mas tinha uma predileção especial pelo rap e pelo hip hop. Ele adorava ouvir as letras dos grandes nomes do gênero, como Tupac, Nas e Jay-Z, e sempre se inspirava nas mensagens positivas e na força das palavras que eles transmitiam. Um dia, um amigo de Josué lhe apresentou a música dos Racionais MCs, um grupo de rap de São Paulo que já era bastante conhecido no Brasil. Josué ficou fascinado com as letras incríveis e as mensagens de empoderamento e conscientização social que o grupo transmitia. Ele começou a ouvir cada vez mais músicas dos Racionais e ficou especialmente marcado pela poesia de Mano Brown, o líder e principal rapper do grupo. Josué ficou encantado com a forma como Mano Brown conseguia transmitir suas ideias de maneira tão clara e direta, mas ao mesmo tempo tão poética e lírica. Ele se sentia inspirado e motivado pelas palavras de Mano Brown e começou a se interessar ainda mais pelo rap e pelo hip hop. A partir daquele momento, Josué passou a ouvir e a se inspirar cada vez mais na poesia de Mano Brown e dos Racionais MCs, e isso acabou influenciando também na sua própria forma de escrever e compor músicas. Ele se tornou um grande fã do grupo e sempre se orgulhava de ter sido inspirado pelas letras de Mano Brown e pelo trabalho incrível dos Racionais MCs.